



VIII Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG
VI Salão de Extensão

<http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao>

ISSN 2318-8014



A SEXUALIDADE COMO UMA FERRAMENTA DE AUTOCONHECIMENTO, RECONHECIMENTO E VALIDAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Stefany Bischoff da Silva^a, Manuelli Tomasi*

- a) Psicóloga pela FSG Centro Universitário. Especialista em Terapia de Família e Casal pelo Centro de Terapia Individual, Casal e Família (DOMUS). Pós-Graduada em Sexualidade Humana pelo Child Behavior Institute (CBI OF MIAMI). Endereço eletrônico: stefanybischoffs@gmail.com.

*Manuelli Tomasi,
endereço: Av. Júlio de Castilhos, 2773 sala 402a - Caxias do Sul -
RS - CEP: 95010-005. E-mail: manuelitomasi5@gmail.com

Palavras-chave:

Sexualidade. Autoconhecimento.
Subjetividade. Sociedade. Grupo de
Estudos.

INTRODUÇÃO: A temática da sexualidade é um assunto pouco difundido no meio acadêmico dentro do currículo do curso de psicologia de modo que as disciplinas que trazem brevemente o assunto para debate são aquelas em que os ensaios da sexualidade de Freud são estudados. Em geral, quando o assunto é colocado em evidência tende-se a refletir sobre educação sexual pensando em métodos contraceptivos, disfunções e desempenho sexual, gravidez precoce, abusos sexuais e/ou questões de gênero. No entanto, abordar a temática da sexualidade dentro do ambiente acadêmico vai além destes pressupostos, mas também e com grande impacto, é poder falar sobre uma energia libidinal que está dentro de cada ser humano e que irá influenciar na constituição de cada um reverberando na construção social e vice versa, impulsionando o sujeito para vida ou para a morte (BONATO, 2019). **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:** A vida humana é caracterizada a partir de vários pressupostos e cada indivíduo se alicerça a partir de diferentes contextos que irão contribuir com o seu jeito de viver no mundo sendo a sexualidade um destes contextos (DOS SANTOS; CARVALHO, 2019; BICALHO *et al.*, 2012). Embora ainda neste século pós-moderno a sociedade se refira à sexualidade de maneira ultrapassada e errônea se faz necessário compreender que todo ser humano é um ser sexuado e que na medida com que se desenvolve e vai tendo suas experiências no mundo, irá se manifestar sexualmente de forma subjetiva de modo que será influenciado por este mundo e ao mesmo tempo, irá influenciá-lo (DOS SANTOS; CARVALHO, 2019; BICALHO *et al.*, 2012). **MATERIAL E MÉTODOS:** O presente trabalho baseia-se em um relato de experiência

profissional através da criação e estruturação de um Grupo de Estudos em Sexualidade Humana. O grupo é ministrado por duas profissionais da psicologia e tem como objetivos: estudar, conhecer, refletir e fomentar discussões críticas sobre o universo da sexualidade, partindo da interlocução entre a história da sexualidade e os aspectos socioculturais e como isso contribui na construção das subjetividades humanas. O grupo acontece semanalmente via *Skype* e é aberto ao público da área da psicologia e para o público em geral que tenha interesse em conhecer sobre o assunto. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** Alguns estudos revelam que a sexualidade é permeada por mitos, tabus, proibições e silêncios (RESSEL *et al.*, 2010; MOREIRA; SANTOS, 2011; ARAGUSUKU; LARA, 2020). Uma pesquisa realizada com universitários demonstra que o assunto foi transmitido pelos pais/cuidadores de uma forma censurada, muitos relataram a sensação de medo o que pode ser justificado pelas influências religiosas e a cultura do cristianismo que, há séculos regulam e controlam associando o sexo/sexualidade ao pecado (MOREIRA; SANTOS, 2011). Durante os encontros do grupo de estudo é possível perceber através dos relatos e das discussões construídas de forma coletiva que a sexualidade para alguns é vista como algo construído culturalmente, no entanto, outros ainda reduzem à genitalidade e ao ato sexual em si. Importante mencionar que conforme os assuntos são abordados, experiências pessoais também vão sendo lembradas e compartilhadas para o grupo. Entende-se, portanto, que as discussões sobre o tema e a possibilidade de diálogo horizontal e longe dos estigmas, das preocupações com os estereótipos de gênero e padrões de vidas impostos pela sociedade podem aumentar a liberdade de expressão, facilitando a consciência de si e um reconhecimento da própria história, dos próprios desejos e dos cuidados consigo e com o mundo. **CONCLUSÃO:** Enfatiza-se a extrema importância de momentos que oportunizem essas trocas de saberes e reflitam sobre os próprios conceitos e valores acerca da sexualidade. Quando os sujeitos compreendem a própria sexualidade e possuem informações sobre a construção histórica, política, social e psicológica do assunto podem sentir-se mais livres e abertos/as para cuidarem de si e da própria intimidade, bem como de seus futuros pacientes e/ou clientes nos contextos que irão atuar profissionalmente e também, com seus parceiros em seus relacionamentos afetivos-sexuais. Por isso, salienta-se a necessidade e importância desta temática ser cada vez mais contemplada nos currículos dos cursos de psicologia e também em políticas públicas para a sociedade.

REFERÊNCIAS

BONATO, Fernanda Rafaela Cabral. A formação científica sobre sexualidade nos cursos de graduação em psicologia da região de Curitiba. 2019. **Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná**, Curitiba, 2019.

CASSAL, Luan Carpes Barros; GONZALEZ, Aline Monteiro Garcia; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. (2012). Psicologia e o dispositivo da sexualidade: biopolítica, identidades e processos de criminalização. **Psico**, 42(4).

DOS SANTOS, Taís Pacheco; & CARVALHO, G. M. (2019). Assexualidade: orientação ou disfunção sexual?/Assexuality: sexual orientation or dysfunction?. **Brazilian Journal of Health Review**, 2(4), 2709-2728.

MOREIRA, Maria Rosilene Cândido; SANTOS, José Francisco Fernandes Quirino dos. Entre a modernidade e a tradição: a iniciação sexual de adolescentes piauienses universitárias. **Escola Anna Nery**, v. 15, n. 3, p. 558-566, 2011.

RESSEL, Lúcia Beatriz et al. A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 15, n. 2, p. 245-250, 2011.